

## SIMPÓSIO AT181

# NARRATIVAS DE TRADIÇÃO ORAL COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

SOUSA, Alex Montel de  
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - Unifesspa  
Profalexmontel18@gmail.com

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo de relatar uma experiência de formação de leitores realizado através da oficina: Narrativas de Tradição Oral como Ferramenta para o Desenvolvimento de Leitura e Escrita no Ensino Fundamental, realizada com alunos de uma turma de nono do Colégio Estadual Osvaldo Franco, em Araguatins-Tocantins. A leitura contempla a formação pessoal e intelectual do indivíduo, assim essa proposta procura valorizar e desenvolver em sala de aula o ensino e aprendizagem de leitura e da escrita como instrumento para interação social. Os contos procedentes da literatura oral irão expandir o conhecimento dos alunos, pois apresentam temas significativos que, encantam, divertem, transformam-se, fazem refletir, e carregam em si informações históricas, sociológicas e psicológicas que despertam o interesse dos leitores e ouvintes dos mesmos. Este trabalho realizado por meio de atividades interativas, voltadas para a formação do leitor crítico, considerando as experiências de leitura dos alunos, respeitando o grau de dificuldade de cada aluno participante da oficina, busca promover o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita através de contos de tradição oral e de narrativas orais locais.

**Palavras-chave:** Leitura, escrita, narrativas orais.

**Abstract:** This article aims to report on a reader training experience carried out through the workshop: Oral Tradition Narratives as a Tool for Reading and Writing Development in Elementary Education, carried out with students from a ninth class of Osvaldo Franco State College, in Araguatins-Tocantins. The reading contemplates the personal and intellectual formation of the individual, so this proposal seeks to value and develop in the classroom the teaching and learning of reading and writing as an instrument for social interaction. The stories from the oral literature will expand students' knowledge because they present significant themes that enchant, amuse, transform, reflect and carry within themselves historical, sociological and psychological information that arouses the interest of readers and listeners of the same. This work, carried out through interactive activities, aimed at the formation of the critical reader, considering the reading experiences of the students, respecting the degree of difficulty

of each student participating in the workshop, will seek to promote the teaching and learning process of reading and writing through tales of oral tradition.

**Keywords:** Reading, writing, oral narratives.

## Introdução

As narrativas orais estão presentes na vida da criança desde a fase de gestação quando pais têm o costume de contar histórias a seus filhos com intuito de que se familiarizem a suas vozes e dão sequência até a alfabetização das crianças. Para Gomes e Moraes (2013, p. 16) “a oralidade é parte vital da cultura popular”. As crianças têm contato com a cultura popular oral desde muito cedo, com cantigas de ninar, de roda, lendas e mitos contados no seio familiar, assim, a criança chega à escola dotada de uma riqueza muito grande da tradição oral que precisa ser respeitada e valorizada pela escola em que a criança se insere. Ainda de acordo com Gomes e Moraes (2013, p. 17) “deve ser valorizada, como conteúdo em seus mais diversos gêneros” a oralidade trazida pelos alunos de seus seios familiares.

No entanto, o que se vê na escola após a alfabetização é um esquecimento das tradições orais e uma supervalorização da escrita. Após concluído o primeiro ciclo do primeiro ao quinto ano, pouco vê-se a utilização de textos com tradição oral na escola. Esses textos ficam marcados como textos infantis ou relegados à simples relação com a linguagem informal, um erro, pois, podem ser muito mais que isso.

O trabalho com narrativas de tradição oral se muito bem utilizado pode servir como fonte para trabalhar a leitura, uma vez abordadas narrativas já escritas em um processo de leitura das mesmas. Para escrita, se houver um processo de (re)textualização como o proposto por Marcuschi (2010), além de uma valorização social se abordadas narrativas locais que são repassadas na comunidade onde circulam. Assim, temos com as narrativas um campo riquíssimo para o trabalho de letramento que valorize à escrita, a leitura e a sociedade onde os alunos se inserem.

## 1. Narrativas Oraís

As narrativas de tradição fazem parte do grupo de textos conhecido como literatura oral, mesmo com o termo Literatura remetendo a texto, o que acaba por gerar conflitos com o nome. O estudioso de literatura, Massaud Moisés (2003) é um a discordar do termo literatura oral e até mesmo que possa existir uma literatura produzida apenas pela oralidade. Esse autor ressalta que só existe literatura se for escrita, não podendo existir uma literatura por via oral.

Quanto a esse ponto, entendemos a questão como ponto de vista e de teoria, mas ressaltamos que esta ideia não é a nosso, e entendemos que a oralidade também produz literatura, a literatura oral, apresentada por Cascudo (2006) que diz;

A literatura oral brasileira se compõe dos elementos trazidos pelas três raças para a memória e uso do povo atual. Indígenas, portugueses e africanos possuíam cantos, danças, estórias, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas, poetas e cantores profissionais, uma já longa e espalhada admiração ao redor dos homens que sabiam falar e entoar. (CASCUDO, 2006, p. 28).

E reiteramos nossa opinião também no pensamento de Candido que diz

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis de produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 1995, p. 174).

Dentro deste vasto campo que abarca a literatura oral, utilizamos neste trabalho apenas dois dos mais variados gêneros de textos orais que compõem o campo da literatura oral, as lendas e os contos de tradição oral.

As lendas e os contos orais têm uma origem que não se pode precisar e servem em sua grande maioria para expressar algum ensinamento ou explicar um fato acontecido no local onde se relata. Apesar de algumas já terem sido escritas e terem conhecido a fixidez de papel, nasceram da tradição oral pura, um dia foram contadas e deram valor a um narrador ou interprete. Uma voz

individual de narrador pronto a proferir seu discurso e encantar um público através de sua voz e performance. A respeito da voz, teórico Zumthor diz que;

Ela [a voz] interpela o sujeito, o constitui e nele imprime a cifra de uma alteridade. Para aquele que produz o som, ela rompe uma clausura, libera de um limite que por aí revela, instauradora de uma ordem própria: desde que é vocalizado, todo objeto ganha para um sujeito, ao menos parcialmente, estatuto de símbolo. O ouvinte escuta, no silêncio de si mesmo, esta voz que vem de outra parte, ele a deixa ressoar em ondas, recolhe suas modificações, toda “argumentação” suspensa. Esta atenção se torna, no tempo de uma escuta, seu lugar, fora da língua, fora do corpo. (ZUMTHOR, 1997, p. 17)

Essa voz de quem fala Zumthor, está presente tanto na fala, quanto na escrita, pois, essa, carrega traços e características da voz, Zumthor (2003). Portanto, mesmo um texto escrito carrega traços da voz.

## 2. Procedimentos Metodológicos

O procedimento metodológico para o desenvolvimento da pesquisa se deu através da realização de 6 oficinas realizadas como se descreve a seguir

Primeira oficina, os alunos foram apresentados às narrativas de tradição oral, onde puderam estudar suas características, onde se manifestam, quem as conta e quem são os responsáveis por fazer fazer a coleta e registrar em dados escritos as narrativas orais.

Para este dia, como exemplos de texto escrito que foram orais um dia, foi apresentado aos alunos a narrativa de chapeuzinho vermelho em sua origem, retirada do livro de Robert Darnton, o grande massacre dos gatos, e a atual da da Disney para que pudessem fazer comparação. Como exemplo de textos orais, ainda sem registro escrito formal, utilizou-se também a narrativa local, Nonatinho, essa, com o intuito de apresentar aos alunos uma narrativa local e desconhecida por eles

Durante segunda oficina foi trabalhado a performance do contador de histórias, para que o aluno pudesse perceber que a narrativa não se dá somente pela voz, mas também pelo corpo. Para este momento, apresentamos: A Onça e o Bode e Festa no Céu, contados por Augusto

Pessoa e “Contos Populares”, contado por Ruth Guimarães, os três vídeos estão disponíveis no canal Youtube.

Através dos vídeos os alunos puderam perceber que cada contador tem um modo diferente de usar o corpo ao falar, que ele não é fixo, que move-se de acordo com a intensidade do texto. Entender este jogo entre autor de um texto e seu leitor ou narrador e um ouvinte é compreender o que Zumthor (2000 e 2010) expõe como *performance*. A palavra performance em seu sentido literal, significa “*atuação, desempenho*”. Performar seria atuar diante de um texto oral ou escrito. Para Zumthor;

a performance de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando, ela o marca”. Ao interpretar, exige-se “competência”, exige o “saber ser” (Zumthor 2000, p. 35)

O terceiro dia de oficinas foi destinado a leitura dos alunos. Na sala os alunos receberam em material impresso uma seleção de lendas e contos do livro de Henriqueta Lisboa, *Literatura Oral para Infância e Juventude*.

Devido a turma viver em um bioma de transição entre cerrado e amazônia e em uma cidade à margem do rio Araguaia, optou-se por textos que tinham como a floresta como ambiente e animais como personagens. Devido serem textos curtos, os alunos puderam pegar as folhas em cima de uma mesa e ir lendo e fazendo trocas com colegas ou por outros textos que ainda estavam em cima da mesa. Tiveram um tempo de 40 minutos para lerem o que acharem necessário, por fim, cada um teve que escolher um dos textos lidos para ler em voz alta para a turma.

Aos colegas que faziam o papel de ouvintes enquanto um outro fazia a leitura do texto selecionado, pediu-se que além de ouvir, que prestassem atenção na performance de cada um dos colegas e observassem se isso ajudava ou atrapalhava o modo de ler.

Dentre as 33 performances de leitura analisadas pelos colegas, destacamos três falas: “1. *O corpo ajuda entender se o aluno está com medo de ler.* 2. *o jeito que o menino mexia mostrou que ele achou o texto engraçado.*”

3. *Fica mais fácil entender a leitura quando o aluno tipo que encena o modo de falar o texto”.*

Em um contexto geral, foi possível perceber duas situações: uma que ter alguém que além de ouvir ainda observava o corpo e o gestual do leitor provoca vergonha pois não estavam acostumados àquela situação e outra que quando se percebe que o corpo faz parte, fica mais fácil entender uma leitura se o aluno tiver bom tom de voz e não apresentar timidez.

Após, a leitura e trabalho com o corpo, foram abordadas às interpretações de cada texto e os ensinamentos que cada um buscava passar. Nem todos os alunos compreenderam a mensagem real de seus textos, para estes casos, houve a intervenção do professor/pesquisador conduziu os alunos a interpretação do texto lido.

O quarto dia de oficinas foi destinado ao trabalho de reescrita de textos, ainda utilizando os textos lidos na oficina anterior, pediu-se aos alunos que reescrevessem os desfechos das narrativas lidas, modificando o final e dando uma nova interpretação ao texto. Nesta atividade, pôde-se trabalhar a escrita dos alunos e a visão do mundo de cada dos presentes na atividade; vale ressaltar que nem todos conseguiram sozinhos os que tiveram dificuldades receberam ajuda dos demais colegas.

O quinto dia de oficinas foi destinado a trabalhar os tempos verbais em contos e lendas, bem como adjetivos que aparecem muito para nos textos para caracterizar personagens e ambientes. Por fim, foi feita uma correção coletiva de um dos textos que teve final reescrito na aula anterior. O texto foi exposto em projetor de vídeo no quadro e teve participação de toda a turma na produção coletiva.

No sexto e último dia de oficinas, todos os alunos receberam seus textos para fazer uma reescrita observando a ortografia e o uso de verbos e adjetivos no texto, ao final, sentaram em duplas para fazer correção juntos e averiguar os últimos desvios. Ao final, os textos receberam a última reescrita, “passar a limpo como dizem os alunos”. Encerrou-se as oficinas com a leitura individual

dos textos elaborados pelos alunos da turma onde foram desenvolvidas as oficinas.

O trabalho com textos de tradição oral permitiu aos alunos reconhecer uma forma diferente de ler e ouvir as narrativas que para muitos eram “textos de criança”, essa mudança de postura permitiu a boa realização do trabalho.

### **Considerações Finais**

O trabalho para desenvolvimento das aptidões de leitura e escrita nos dias atuais onde o aluno é bombardeado por meios virtuais, que lhe oferecem jogos no lugar de leitura para distração e trabalhos prontos no lugar da atividade árdua da escrita tem se tornado uma barreira cada vez mais difícil de transpor pelo professor da educação básica.

As narrativas de tradição oral, esquecidas pela escola, pais e alunos que a relegaram a lugar pequeno, pode ser um caminho para desenvolver a leitura, a escrita e claro, a oralidade pois essa, vem sempre acompanhada desse tipo de texto.

Um trabalho com narrativas tradicionais da região onde o aluno mora ou pelo menos da região geográfica onde vive, aproxima o aluno do meio de produção, o fazendo sentir-se inserido no processo de produção deste tipo de texto, despertando curiosidade em ler novos textos do mesmo gênero e lugar, recontar e por que não, com atividades de escrita e (re)textualização destes textos orais, em um trabalho de recriação através da escrita com novas formas de contar a narrativa que foi lhes repassada ou então utilizando a escrita fixar narrativas orais ainda não registradas em sua localidade. Desta forma, além de desenvolver leitura, escrita e oralidade, valoriza-se a tradição oral local. Como afirma Havelock.

Os mecanismos da educação moderna colocam ênfase principal no rápido domínio da leitura e da escrita como preparação para a escola secundária e para a vida adulta. Não deveríamos estar preparados para considerar as possíveis condições impostas ao gerenciamento de nossos sistemas

educacionais por meio de nossa herança oral? (HAVELOCK, 1995, p.28)

Havelock faz em suas palavras uma defesa da oralidade e ainda, uma valorização da mesma. Entendemos que esta valorização pode ser exposta através da utilização de narrativas orais para o desenvolvimento de leitura e escrita e fazendo isso, trazemos a oralidade com suas narrativas para o centro do ensino a tirando da margem para onde foi relegada em detrimento da escrita.

## Referências

CASCUDO, Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 2. ed. São Paulo, Sp: Global, 2006. 486 p.

CANDIDO, Antonio. **O direito a Literatura**. In: Vários escritos. 3ª ed.. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

DARNTON, Robert. Histórias que os Camponeses Contam: O Significado da Mamãe Ganso. In: DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986. Cap. 1. p. 21-102. Sonia Coutinho.

GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano. **Alfabetizar letrando com a tradição oral**. São Paulo, Sp: Cortez, 2014. Coleção biblioteca básica de alfabetização e letramento.

HAVELOCK, Eric. A equação oralidade-escrita. In: OLSON, David R. & TORRANCE, Nancy. **Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Ática, 1995.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: Atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e Voz**: A "Literatura" Medieval. São Paulo, Sp: Companhia das Letras, 1993. 324 p. Tradução: Jerusa Pires Ferreira, Amálio Pinheiro.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução a Poesia Oral**. Belo Horizonte, Mg: Ufmg, 2010. 354 p. (Humanitas). Tradução: Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo, Sp: Educ, 2000. 137 p. Tradução: Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich.